Construindo a civilização

Abertura

Pintor de teatro, fui encarregado de nova tela, representando a fidelidade geral da população brasileira ao governo imperial, sentado em um trono coberto por rica tapeçaria estendida por cima de palmeiras. A composição foi submetida ao ministro José Bonifácio, que a aprovou. Pediu-me apenas que substituísse as palmeiras naturais por um motivo de arquitetura regular, a fim de não haver nenhuma idéia de estado selvagem. Coloquei então o trono sob uma cúpula sustentada por cariátides douradas(...).

Esse é um trecho do livro *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, no qual o pintor francês Jean-Baptiste Debret relata o episódio da pintura do pano de boca do Teatro da Corte, por ocasião da coroação de d. Pedro I.

Cariátide: figura esculpida em pedra, com a função de dar sustentação a parte de uma construção, sendo também um elemento decorativo. A ilustração à esquerda é uma reprodução da pintura descrita por Debret, com as cariátides ao lado dos anjos.

Como você viu na Aula 11, Debret foi um dos pintores e arquitetos da Missão Artística Francesa, contratada por d. João VI para dar uma face européia ao Rio de Janeiro colonial. Debret deixou muitas pinturas representando a terra brasileira e sua gente. Outros visitantes estrangeiros que estiveram no Brasil ao longo do século XIX também registraram, em seus livros e pinturas, a paisagem tropical e os habitantes negros e mestiços.

No entanto, brasileiros como José Bonifácio não tinham orgulho nem dessa natureza "selvagem", nem desse povo "misturado". Achavam que, para ingressar no mundo considerado civilizado, o Brasil teria de construir aqui uma **civilização copiada da Europa**. Por isso, Bonifácio não queria as palmeiras "selvagens": preferia as cariátides gregas.

Movimento

Nesta aula, veremos como o Brasil ingressou no mundo civilizado e se relacionou com os demais países americanos e europeus.

A memória da nação

O que faz de nós brasileiros? Você vai dizer que, para ser brasileiro, é preciso nascer no Brasil e falar português. Mas isso não é tudo. Ser brasileiro é ter em comum a mesma memória do passado. É comemorar os acontecimentos que marcaram a nossa história, como o 7 de Setembro ou o 21 de Abril. É identificar o gesto libertador de d. Pedro I no quadro *O grito do Ipiranga*. É reconhecer nos museus e monumentos históricos as marcas do **nosso passado**.

Para o Brasil ser uma monarquia centralizada e unitária, como queriam os conservadores, era preciso que a jovem nação escrevesse a sua **história**. Nação sem história não é nação.

Em 1838, o regente conservador Pedro de Araújo Lima criou o **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** e o **Arquivo Nacional.** O primeiro tinha o objetivo de explicar a evolução do Brasil, desde as suas origens; o segundo devia guardar para o futuro os documentos produzidos no presente.

Pausa

Para escrever a história de um país é preciso, em primeiro lugar, reunir um grande número de **fontes**.

Ao longo do curso, você conheceu algumas importantes fontes históricas. Volte às aulas e faça um levantamento dessas fontes.

Escrever História é mais do que juntar documentos. Cabe ao historiador selecioná-los, organizá-los e interpretá-los. Francisco Adolfo **Varnhagen** é considerado o **primeiro historiador** do Brasil. Reunindo uma vasta documentação sobre a América portuguesa, Varnhagen escreveu uma monumental *História geral do Brasil*, em dois volumes, que abrangia do "descobrimento até a independência". O primeiro volume foi publicado em 1854, e o segundo, três anos depois.

A preocupação principal dessa história foi mostrar as **origens** do Brasil. Para Varnhagen, os **índios "selvagens"** não poderiam ser considerados raízes dignas de um país que pretendia ingressar no mundo civilizado, pois representavam o "atraso e a barbárie". Além disso, não tinham o sentimento de "patriotismo", fundamental para a construção de uma nação.

Veja o que disse Varnhagen sobre os índios:

> *Nos selvagens não existe o sublime desvelo que chamamos patriotismo, como um sentimento elevado que nos impele a sacrificar o bem-estar pela glória da pátria(...). Nem poderiam possuir instintos de amor de pátria gentes vagabundas que, guerreando sempre, povoavam o terreno que hoje é do Brasil(...). Assim, tais rixas perpetuariam neste abençoado solo a anarquia selvagem, ou viriam a deixá-lo sem população, se a Providência Divina não tivesse acudido a dispor que o cristianismo viesse ter mão a tão triste e degradante estado!*
>
> **Citado por Nilo Odália em *Varnhagen: História*, p. 37-38**

Com relação aos **negros africanos**, que vieram para a América Portuguesa como mão-de-obra, Varnhagen foi ainda mais severo:

> *Colonos de nações igualmente bárbaras e mais supersticiosas, essencialmente intolerantes, inimigas de toda liberdade(...) sem identidade de língua, de usos e de religião entre si, só a cor e o infortúnio vinham a unir estes infelizes (...).*
>
> ***Varnhagen: História*, p. 72**

Consulte a obra de Varnhagen nas bibliotecas. Você perceberá que a escravidão africana praticamente não foi estudada por ele. É como se o historiador quisesse apagar de nosso passado o que ele considerava uma "mancha negra".

Na história que Varnhagen escreveu, a base de nossa evolução foi o **elemento português**, **europeu e cristão**, que introduziu a "superioridade e os encantos da civilização sobre a barbárie".

Pausa

Faça um pequeno texto, mostrando como essa história escrita por Varnhagen contribuiu para a afirmação do projeto conservador.

O Guarani e a *Primeira Missa*

Você já deve ter lido ou visto na televisão *O Guarani*, a história do valente índio Peri que se apaixona pela loura Ceci. Essa história de amor e de aventura, passada no século XVI, na América Portuguesa, foi escrita por **José de Alencar** em 1857. Naquele momento, artistas e escritores brasileiros estavam muito influenciados pelo **Romantismo**, que tanto sucesso fazia na Europa.

Os ideais românticos valorizavam a aproximação com a **natureza** e a **busca das origens nacionais**. Para os europeus, isso significava trazer de volta os heróis da Idade Média, corajosos cavaleiros como o inglês Robin Hood. Como nós não tínhamos cavaleiros medievais, escritores como José de Alencar resolveram fazer do **índio o símbolo da nacionalidade brasileira**.

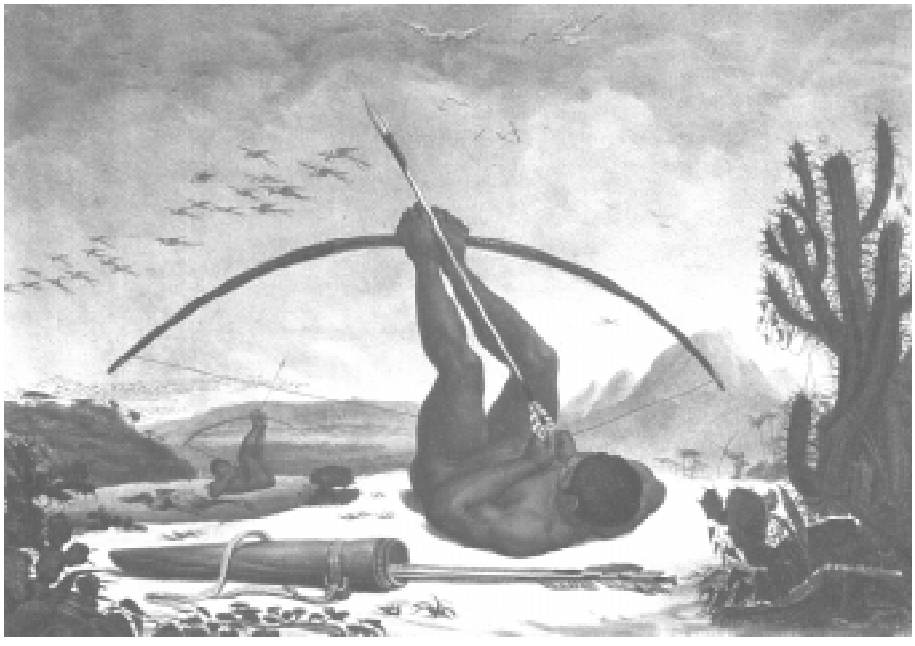
Veja como José de Alencar descreve Peri:

> *Uma simples túnica de algodão, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto. Sobre a alvura do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes; a pupila negra, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência. Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa (...).*
>
> **José de Alencar, *O Guarani*, p. 24**

Observe que o "forte" e "inteligente" Peri, saído da imaginação de Alencar, nada tinha a ver com os índios "bárbaros" de Varnhagen, descritos pelos documentos históricos. O índio criado por Alencar, representante da natureza, estava mais próximo dos heróis românticos europeus. Peri podia encarnar as raízes da nação brasileira que se queria civilizada, porque era um índio com alma de europeu. A união do índio Peri e da loura Ceci representava, por sua vez, a "harmonia" que teria marcado as relações entre índios e brancos.

Essa integração entre o elemento nativo – o índio – e o colonizador branco – o português – apareceu também nas pinturas históricas da **Academia Imperial de Belas Artes**. Volte à Aula 4, página 32, e veja *A Primeira Missa no Brasil*, quadro de **Vítor Meireles**, e observe que nativos e portugueses são retratados em ambiente de perfeita harmonia, ajoelhados diante da cruz, símbolo maior da civilização cristã que chegava à América.

No Brasil "civilizado" que se criava no século XIX só havia lugar para o branco e o índio "pacífico". Excluídos estavam os negros e mulatos: formavam a maior parte da população, mas não apareciam na história, nos livros, e nem nos quadros. Apareciam nos cafezais, nos canaviais, nas minas, nas cidades...



Civilização X barbárie

O Brasil independente precisava enfrentar ainda um outro desafio: como se relacionar com os países estrangeiros, americanos e europeus?

Desde a época colonial, as nossas relações com a Europa eram muito fortes. Você viu na Aula 11 que a **Inglaterra** era a nossa maior fornecedora de manufaturados e uma grande consumidora das nossas matérias-primas. Nas aulas seguintes, você aprenderá que, durante todo o Império, e mesmo depois, a presença inglesa na nossa economia foi extraordinária.

Da **França**, o Império brasileiro importava a moda, o gosto, os costumes refinados, a língua, os livros, a música, tudo que pudesse representar a marca do mundo **civilizado**.

Já o relacionamento do Brasil monárquico com a **América republicana** foi muito difícil. Ao norte, os **Estados Unidos da América** buscavam afastar a influência européia no continente, tendo como lema "A América para os americanos". Para atrair a simpatia do Império brasileiro, os Estados Unidos foram o primeiro país do mundo a reconhecer a nossa independência. Durante o período regencial, vários políticos brasileiros viram nos Estados Unidos o modelo a ser seguido pelo Brasil.

Pausa

Apesar dos esforços norte-americanos, as relações políticas com o Império brasileiro não se desenvolveram bem. Só na República haveria uma maior aproximação entre os dois países.

Com seus vizinhos do sul – **as repúblicas do Paraguai**, **do Uruguai e da Argentina** –, o Império brasileiro manteve um relacionamento de força. Saiba que a rivalidade entre brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios vai além do futebol. Na verdade, muita coisa sempre nos separou. Vamos lembrar? Volte à Aula 9 e veja que, desde o período colonial, o interesse português na região do Prata era grande. O objetivo de Portugal era tirar da Espanha o controle do comércio e das riquezas que circulavam pelos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. Em 1821, por ocasião das lutas de independência da América Espanhola, d. João VI anexou a Banda Oriental do Rio Uruguai ao Reino Unido de Portugal e Algarves. Durante sete anos, a **Província Cisplatina**, como passou a ser chamada, fez parte do território brasileiro. Você viu na Aula 13 que, em 1828, o Império Brasileiro, derrotado na guerra, foi obrigado a reconhecer a independência da Cisplatina, que se transformou na **República do Uruguai**.

Até 1850, o governo brasileiro ficou mais preocupado com os problemas internos, ou seja, manter a ordem e preservar a unidade. A partir de então, com a casa sob controle, o Brasil resolveu voltar a ter uma presença mais atuante na política do Prata. Qual era a situação dos nossos vizinhos? Qual o interesse do nosso país no Prata?

Enquanto a América portuguesa conseguiu se manter unida e se transformou no Império do Brasil, o Vice-Reinado do Prata se dividiu em vários países republicanos: a Argentina, o Uruguai e o Paraguai. País pequeno e sem saída para o mar, o **Paraguai**, governado por ditadores que se mantinham no poder por longo tempo, tinha poucas relações com o exterior. Já a **Argentina** e o **Uruguai**, por meio dos portos de Buenos Aires e Montevidéu, dominavam o comércio platino. Nesses portos havia muitos comerciantes e banqueiros estrangeiros. A política argentina e uruguaia era muito instável, e havia permanentes lutas entre grupos rivais.

Em tempo

Você viu na Aula 12 que os países da antiga América Espanhola se organizaram em repúblicas. Tinham constituições republicanas e realizavam eleições presidenciais.

Apesar disso, o **caudilhismo** foi muito comum nesses países. Caudilhos eram chefes locais que, pela força, conseguiam dominar todo o país. Foram caudilhos: Francia, no Paraguai; Santa Cruz, na Bolívia; Portales, no Chile; Juárez, no México; Moreno, no Equador; Guzmán Blanco, na Venezuela, entre outros. (Delgado de Carvalho, *História da América*, p. 157)

Que interesses brasileiros estavam em jogo no Prata? O primeiro deles era garantir a livre navegação pelos rios da região. Eram muito difíceis as comunicações por terra entre o oeste das províncias de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, o sudoeste da província de Mato Grosso e as províncias do sudeste, em especial o Rio de Janeiro. Para vencer as grandes distâncias, eram usadas a navegação de cabotagem (pela costa) e a navegação fluvial, subindo os rios da bacia Platina.

Navegação de cabotagem

Outra preocupação do governo imperial era evitar que a Argentina se tornasse muito poderosa e acabasse por dominar os outros países da região. Ao Império não interessava que o Prata voltasse a se unir, pois isso ameaçaria a supremacia brasileira na América do Sul. Como dizia o barão de Mauá, rico empresário brasileiro, "o Brasil tem o dever de exercer no rio da Prata a influência a que lhe dá direito sua posição de primeira potência da América do Sul".

Por várias vezes, o governo imperial interveio militarmente na Argentina e no Uruguai. O objetivo principal dessas intervenções era tirar do poder governantes argentinos e uruguaios que se colocavam contra os interesses brasileiros. Em 1851, com o Exército sob o comando de Caxias, o Brasil declarou guerra ao uruguaio Oribe e ao argentino Rosas. A vitória brasileira assegurou que o Uruguai e a Argentina ficariam em mãos de políticos simpáticos ao Brasil.

Essas difíceis relações entre brasileiros e seus vizinhos do Prata não se deviam apenas a problemas políticos e econômicos. Muita coisa mais nos separava. Pense um pouco... O Brasil havia conseguido manter a integridade

do seu território, se transformara numa monarquia centralizada e estável e construíra uma civilização européia nos trópicos. Já o Prata não se mantivera unido. A Argentina, o Uruguai e o Paraguai tornaram-se repúblicas instáveis, cujos presidentes eram freqüentemente substituídos por caudilhos.

Ora, afirmavam as elites brasileiras, se o Brasil era o representante da **civilização**, nossos vizinhos representariam a **barbárie**. Em vários documentos da época está declarado que a guerra entre o Brasil e os países do Prata era a luta entre a "civilização" e a "barbárie".

E o que argentinos, paraguaios e uruguaios achavam dos brasileiros? Eles também não nos tinham em boa conta. Éramos acusados de "dominadores" e de "país de escravos", de "macaquitos".

Foi nessa região do Prata que o Brasil se envolveu na mais dura guerra da sua história: a **Guerra do Paraguai** (1864-1870). Essa guerra enfraqueceu o Império e acabou levando à proclamação da República. Mas isso é assunto para depois... Aguarde.

Últimas palavras

Proclamada a independência, em 1822, a ex-colônia portuguesa precisava enfrentar o desafio de se transformar em um país. E enfrentou.

Trinta anos depois, a elite política brasileira, com base no projeto conservador, havia desenhado um país, o Brasil. Ela enfrentou a ferro e fogo as rebeliões nas províncias e evitou a desintegração territorial. Impôs a ordem social e excluiu a maior parte da população do direito de participar da política. Estabeleceu uma monarquia centralizada e deu poder ao imperador. Introduziu, finalmente, o Brasil como uma civilização européia nos trópicos.

Você deve estar se perguntando: e em termos econômicos, como se desenvolveu o Brasil? Ainda era o ouro que o sustentava?

Na próxima aula, você vai ver como o Brasil se tornou o **Império do Café**.

Exercícios

Exercício 1

Lendo o item **A memória da nação**, você ficou sabendo que Francisco Adolfo Varnhagen escreveu a primeira história do Brasil, mostrando as origens de nosso país. Explique por que Varnhagen eliminou índios e negros da nossa história.

Exercício 2

Releia o item **Civilização X barbárie**. Faça um resumo das relações do Império brasileiro com seus vizinhos americanos.